

Água e clima: os grandes desafios da mineração do futuro
*Seminário sobre indicadores de sustentabilidade na mineração discutirá
também os novos riscos
à atividade no século 21*

O risco de rompimento de barragens nas áreas de mineração por conta do aumento na frequência e intensidade de enchentes é crescente. Segundo Julio Grillo, vice-presidente do Fórum Permanente São Francisco e ex-superintendente do IBAMA em Minas Gerais, o escorregamento da pilha de rejeitos da mineradora Vallourec em Minas Gerais no ano passado ocorreu logo após uma chuva de 204 mm em um dia - 95 mm dos quais nas 10 horas que antecederam o deslizamento da pilha.

Júlio será um dos debatedores do 10º BIS - Bate-papo Inclusivo e Sustentável, promovido pela Associação Soluções Inclusivas Sustentáveis (SIS) e que abordará a sustentabilidade no setor de mineração. O debate, que acontece no próximo dia 25, das 9h30 às 11h00, contará também com a participação de Bruno Serra, consultor em Economia Mineral, Paulo de Tarso Castro, Professor da Universidade Federal de Ouro Preto, e Sérgio Leitão, Diretor Executivo do Instituto Escolhas. A moderação ficará a cargo de Luciane Moessa, Diretora Executiva e Técnica da SIS. O webinar é gratuito e as inscrições podem ser feitas pelo e-mail: eventos@sis.org.br até o dia 24/05.

O objetivo do seminário é contribuir para a inclusão desse setor em uma taxonomia de impactos ambientais, sociais e climáticos de atividades econômicas no Brasil, que pode ser usada tanto pelo setor financeiro quanto para fins de tributação. “Embora riscos ambientais e climáticos já façam parte, em alguma medida, da avaliação de instituições financeiras, a indústria de mineração carece de indicadores de sustentabilidade próprios e alinhados com os desafios e oportunidades do século 21. É esta lacuna que vamos preencher com nossa pesquisa que fará recomendações para uma Taxonomia brasileira e esse será o tema do debate”, explica Luciane.

O “novo normal” dos eventos extremos causados pelas mudanças climáticas será um dos temas: “As informações reais que temos sobre volumes de precipitações (em mm/hora) não chegam a 200 anos e nos últimos anos estes volumes têm apresentado aumentos muito significativos. As barragens de rejeitos e as pilhas que temos certamente não foram dimensionadas para estes eventos extremos e os custos econômicos, sociais e ambientais de rompimentos de barragens de rejeitos ou deslizamento de pilhas são imensos”, alerta Grillo. “Neste ano, tivemos em Cabralia, na Bahia, 406 mm em um dia; em São Sebastião (SP), 685 mm em um dia. Chuvas nessa intensidade certamente não seriam suportadas pela grande maioria das barragens e pilhas de rejeitos existentes em diversas localidades do Brasil”, adverte.

Na pauta, estará também a competição em termos de uso do território e de recursos hídricos entre as atividades de mineração e outros setores econômicos (como a agricultura e a pecuária) e mesmo o uso doméstico da

água. Quem abordará a questão é Paulo de Tarso Castro, Professor da Universidade Federal de Ouro Preto, que desenvolve investigações científicas sobre os impactos da mineração nos rios e nos recursos hídricos, nas disputas e conflitos territoriais entre a expansão territorial periurbanas, a mineração de ferro, áreas protegidas, e a necessidade preservação de mananciais de água no Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais.

Durante o debate, Bruno Serra - especialista em economia de projetos minerais com quase duas décadas de experiência na SRK Consulting, uma empresa global especializada na elaboração de relatórios técnicos para ativos minerais em apoio a declarações públicas em Bolsas de Valores e outros mecanismos de financiamento público e privado - vai examinar os compromissos mais recentes anunciados por cinco das principais mineradoras do setor: Glencore, BHP, Rio Tinto, Vale e Anglo American.

Para Sérgio Leitão, Diretor Executivo do Instituto Escolhas, “A tensão entre a exploração de recursos naturais e os cuidados ambientais é um dos pontos fundamentais da agenda do debate público no século XXI. É parte da agenda econômica, política e social. E nesse sentido a mineração é um dos assuntos que pede um olhar atento justamente pela divergência de visão que provoca sobre os seus efeitos. Debater esse tema é fundamental.”

Vale lembrar que já existe um [projeto de lei sobre Taxonomia Verde de atividades econômicas](#) em andamento no Congresso Nacional, apresentado pelo deputado federal Zé Silva, que foi produto de uma parceria entre a [Associação Soluções Inclusivas Sustentáveis \(SIS\)](#) e o [Instituto Democracia e Sustentabilidade \(IDS\)](#). SIS e IDS defendem que a taxonomia seja utilizada não apenas para direcionar o fluxo de capitais (crédito e investimentos), mas também para fins de tributação.

Informações para a imprensa:

Aviv Comunicação

Katia Cardoso - (11) 93775-6426

e-mail: katia.cardoso@avivcomunicacao.com.br